

Você, Ocê (?) e Cé em Curitiba, Paraná

VOCÊ, OCÊ(?) AND CÊ IN CURITIBA, PARANÁ

Loremi **LOREGIAN-PENKAL** *

Odete Pereira da Silva **MENON** **

Resumo: Neste trabalho, efetuamos a análise da variação no uso do pronome de segunda pessoa *você(s)* e suas variantes *ocê(s)* e *cê(s)* na cidade de Curitiba, Paraná. Para tanto, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista para descrever e demonstrar se a alternância no uso das variantes analisadas é influenciada por fatores linguísticos e sociais. A amostra compreende a análise de 44 informantes (banco Varsul), estratificados de acordo com o *sexo*; a *escolaridade* e a *idade*. Além da análise das entrevistas formais do Varsul, fizemos, também, com o suporte de Labov (1972; edição de 2008, p. 32), observações em muitas situações espontâneas: nos ônibus de Curitiba; em reuniões de escola; em lanchonetes; em restaurantes e em outros locais públicos nos quais o som da conversa pública pudesse ser ouvido e anotado (e, eventualmente, gravado). Da mesma forma como procedeu Labov, não nos valem dessas anotações para a análise propriamente dita: elas serviram como amostra de controle para se checar a vitalidade das variantes de *você(s)* em uso e a sua distribuição. Os dados foram submetidos ao tratamento estatístico do Programa Goldvarb 2001.

Palavras-Chave: *Você/ocê/CE*. Curitiba. Projeto Varsul.

* Pós-doutoranda em Sociolinguística pela UFPR (2011-2012). Doutora em Linguística pela UFPR (2004). Mestre em Linguística pela UFSC (1996). Professora Associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Campus de Irati, Paraná. Pesquisa financiada pelo CNPq. Contato: loremi.loregianpenkal@pq.cnpq.br.

** Doutora em Linguistique Théorique Et Formelle - Université de Paris VII - Université Denis Diderot (1994). Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1984). Atualmente é professora sênior da Universidade Federal do Paraná e bolsista do CNPq. Contato: odete@ufpr.br.

Abstract: This paper analyzes variation in the use of second person in Portuguese *você(s)* and its variants *ocê(s)* and *cê(s)* in the city of Curitiba, Paraná. For this purpose, the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics were adopted to describe and demonstrate whether the alternation in the use of variants analyzed is influenced by social and linguistic factors. The sample comprised the analysis of 44 informants (VARSUL corpus) stratified according to *sex*, *educational level* and *age*. In addition to the formal analysis of the VARSUL interviews, observations supported by Labov (1972, 2008 edition, p. 32) were made in several spontaneous situations, such as: on the buses of Curitiba, in meetings at school, in cafeterias, in restaurants and other public places where the sound of public conversation could be heard and noted (and later recorded). Using the same rationale as Labov, these notes were not used in the analysis itself: rather, they served as control sample to check the vitality of the variants *você(s)* in use and their distribution. The data were subjected to statistical treatment of the Program Goldvarb 2001.

Key-words: Você/ocê/cê. Curitiba. Varsul Project.

Considerações Iniciais

Os estudos de Loregian (1996) e de Loregian-Penkal (2004) demonstraram que no Paraná o pronome de segunda pessoa utilizado pelos falantes é o *você*, e que o pronome *tu* praticamente não ocorre na fala de informantes paranaenses. Diante disso, surge a necessidade de se investigar as formas de realização de *você(s)* e de suas variantes, vendo, por exemplo, se a forma *ocê(s)* aparece nas cidades paranaenses integrantes do banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul – Varsul - bem como quais variáveis interferem no uso de tais realizações. O presente artigo trata, portanto, da análise efetuada com os dados da capital, Curitiba¹.

O trabalho tem como suporte a metodologia variacionista, utilizada para descrever a variação e a mudança linguística, com o objetivo de analisar de que forma se dá a escolha de *você(s)* e variantes para o estabelecimento da referência de segunda pessoa pelo falante. Ou melhor, pretende-se verificar

¹ As análises referentes às cidades de Londrina, Irati e Pato Branco estão sendo feitas e serão objeto de análises futuras.

em que contextos o falante da amostra usa *você(s)*; *ocê(s)* e *cê(s)* e em que medida se dá essa alternância pronominal.

Os seguintes objetivos nortearam a pesquisa: (i) descrever e analisar a alternância pronominal *você(s)*/*ocê(s)*/*cê(s)*, na posição de sujeito, e verificar se há restrições em outras funções sintáticas, em dados do banco Varsul- Paraná, contribuindo, assim, para o avanço dos estudos realizados sobre o tema em uma região de uso maciço de *você(s)* e cujas formas *ocê(s)* e *cê(s)* ainda não foram descritas; (ii) determinar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso das três formas em análise; (iii) verificar se está ocorrendo mudança em curso no uso dessas formas para a expressão da referência à segunda pessoa; (iv) analisar e discutir se a forma *cê* já está implementada na língua dessa região, conforme estabelece Ramos (1997) para o dialeto mineiro, bem como verificar se a forma *ocê(s)* é recorrente nos dados; e (v) a partir da afirmação de que “está ocorrendo no PB um processo de especialização em relação ao par *você* e *cê*, com a preferência de *cê* com referência indefinida e a forma *você* com referência definida” (cf. RAMOS, 1998; PERES, 2006), verificar se isto se aplica aos dados da região Sul pesquisada.

A pesquisa proposta é relevante na medida em que vem contribuir para o avanço das análises sobre a linguagem falada no Sul do Brasil, bem como contribui para o entendimento da variação no uso dos pronomes de segunda pessoa, trazendo subsídios descritivos para o mapeamento geográfico dos usos de pronomes de segunda pessoa no Brasil.

1 Teoria, Metodologia e Estratégia de Ação

A teoria que subsidia este trabalho é conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística ou Sociolinguística Quantitativa. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), a teoria nasceu em um momento sócio-histórico em que a Linguística havia sido inicialmente dominada pelas ideias de Saussure (início do século XX) e, mais tarde, por Chomsky (por volta dos anos 60 do século XX). Tanto Saussure quanto Chomsky, no entanto, privilegiaram os estudos linguísticos focados em fatos internos das línguas. Foi no Simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, realizado em 1966, nos EUA, que houve uma renovação dos estudos linguísticos, em que a diacronia e a linguística histórica puderam ser reintroduzidas no cenário dos estudos linguísticos.

Na década de 50 surgiram as primeiras pesquisas sociolinguísticas, como a tese de doutorado de Weinreich² (1951). Foi a partir das pesquisas de William Labov (1966) que a Sociolinguística se estabeleceu como teoria e metodologia para a investigação da língua em uso, privilegiando não somente fatos internos, mas também externos à língua.

Os estudos de Labov não se situam à margem de uma linguística da língua, uma vez que ele considera que esta só tem sentido num contexto social. Em outras palavras, diferentemente de Saussure e Chomsky, Labov quer buscar a estrutura heterogênea da língua enquanto falada por uma comunidade ou grupo social. Seu foco de interesse não são as formas regulares da língua, mas as variantes - formas alternativas de se dizer a mesma coisa, permitidas pela própria estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos; Labov quer evidenciar que existem regularidades na variação, quer mostrar que esta é sistemática e previsível. Logo, há diferenças entre utilizar os dados de uma língua efetivamente em uso nas comunidades de fala e uma ciência da "parole" ou uma ciência do "desempenho", que trabalha com uma língua "ideal".

Labov afirma que a variação e as estruturas heterogêneas são fenômenos naturais nas comunidades de fala e que estruturação não significa homogeneidade. Para isso, formaliza todo um instrumental teórico e metodológico para tratar a variação.

Para abranger a variação inerente das línguas, Labov (1969) amplia o conceito de regra da gramática para inscrever o de **regra variável**. Segundo ele, a regra variável deve ter frequência de uso expressiva e estar sujeita à interferência tanto de fatores linguísticos (fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos) quanto de fatores sociais (faixa etária, sexo, grau de escolarização, etnia, etc.). Portanto, uma vez detectada a variação e examinados os contextos em que esta se insere, os fatores condicionantes podem apresentar um padrão elevado de sistematicidade, evidenciados pelos resultados do programa estatístico.

Em síntese, assumimos da postura variacionista o que segue:

- Existe uma relação sistemática entre língua e pressões internas do sistema linguístico, de um lado, e forças sociais sobre a comunidade, de outro;

² E cuja carreira foi precocemente interrompida.

- A ideia de que a variação é inerente ao sistema linguístico e que a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema;
- A dissociação que se faz entre estrutura e homogeneidade, uma vez que a variação não existe só na comunidade mas inclusive na fala de uma mesma pessoa;
- A variação não é aleatória, mas governada por restrições linguísticas e extralinguísticas (sociais);
- Os fenômenos linguísticos variáveis, expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritos e explicados por restrições de natureza linguística e extralinguística;
- São os dados produzidos em situações reais, isto é, dados empíricos e não dados da intuição linguística que revelam a verdadeira configuração de uma dada língua, bem como os seus caminhos de variação e mudança.

Conforme já salientado, a metodologia adotada é a da Sociolinguística Quantitativa.

Os informantes foram estratificados de acordo com três *faixas etárias* (15 a 24 anos; 25 a 49 anos e mais de 50 anos); quatro *escolaridades* (1 a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos e universitários) e *sexo* (masculino e feminino). Os dados são provenientes do Banco Varsul.

Como se pode verificar, temos na amostra um total de 44 informantes, cujo comportamento linguístico foi analisado em relação à alternância *você(s)/ocê(s)/cê(s)*, e foi também verificado se há casos de ditongação de *voceys, ceys* e *oceys*. Questões como o não alçamento das vogais médias [e, o] no dialeto paranaense levam a considerar os casos em que não podemos decidir se estamos diante de um “cê” ou do pronome “se” e, portanto, sempre que houve ocorrências desse tipo elas tiveram de ser retiradas da análise.

Conforme já anunciamos, além da análise das entrevistas formais, fizemos, também, com base em Labov (1972), observações em muitas situações espontâneas: nos ônibus de Curitiba; em reuniões de escola; em lanchonetes; em restaurantes e em outros locais públicos nos quais o som da conversa pública pudesse ser ouvido e anotado. Anotamos também algumas características sociais dos falantes, como estimativa de idade; de escolaridade

e de classe social³. Da mesma forma como procedeu Labov, não nos valem dessas anotações para a análise propriamente dita: elas serviram apenas como “controles suplementares” para se checar as variantes em uso de *você(s)*.

Os dados foram levantados com audição de todas as entrevistas – para que se pudesse checar as diferentes variantes envolvidas, inclusive verificando se havia alguma ocorrência de *vosomecê* (que parece que no interior ainda se usa como forma respeitosa), além das três formas aqui estudadas. Também foi utilizado o Programa PRAAT (programa de análise e síntese de fala, escrito por Boersma & Weenink 2006) para que se pudesse ter maior certeza na forma produzida. Posteriormente os dados foram codificados para que se pudesse rodar o programa computacional Goldvarb (2001)⁴.

2 Por que estudar a variação *Você/Ocê/Cê*?

O estudo - sincrônico e diacrônico - das formas de representação da segunda pessoa no Português do Brasil (PB) é necessário para que se possa tentar reconstituir a história e estabelecer a sua distribuição pelo território nacional. Ademais, como bem aponta Menon (2006, p. 154), à análise de *você* no século XX “cabe dedicar mais estudos e mais amplos, tanto diacrônicos quanto diatópicos, a fim de desmistificar certas afirmações genéricas que por aí medram e sobre as quais há muitas observações a serem feitas”. Descrever e mapear a distribuição das formas *você/ocê/cê* é um desses estudos que ainda está por ser feito em grande parte do país.

Assim, a partir desta pesquisa pretende-se compreender melhor as formas de estabelecimento da referência à segunda pessoa no Paraná. Em termos mais amplos, a pesquisa deverá ajudar na compreensão da variação linguística do pronome *você(s)* e possibilitar análises comparativas, seja com dados do Varsul ou de outros *corpora*, desvelando, assim, nas palavras de Napolitano (2005, p. 7), a formação do nosso grande mosaico nacional.

Para se tentar entender melhor o fenômeno em estudo, nas linhas que

³ A marcação do *grau de escolaridade* e da *classe social* foi facilitada nos casos em que os falantes eram conhecidos da pesquisadora.

⁴ O Goldvarb (2001) é uma versão para ambiente windows do pacote de programas VARBRUL – Variable Rules Analysis. Para maiores detalhes, consultar Guy e Zilles (2007).

seguem é apresentado um breve panorama da evolução das “formas de tratamento” de segunda pessoa.

A evolução do sistema de representação da segunda pessoa no PB teve início pela forma plural, por ser esta a menos marcada. De acordo com Faraco (1982) e Menon (1995) até o século XIV o pronome *vós* era usado tanto para a referência formal a um único interlocutor, portanto tratamento respeitoso, em função de o falante ter função social ou hierárquica mais elevada e/ou por questões de idade. O *vós* era usado também para a referência universal a mais de um interlocutor. O tratamento com o pronome *tu* só era utilizado para a referência singular íntima e, conseqüentemente, bem mais marcada socialmente.

Menon (1995, p. 93) aponta que, para se entender a noção de marca, *uma pessoa não podia empregar tu ao se dirigir a outra, desconhecida*, uma vez que tal tratamento *era reservado para os iguais ou de superior para inferior*, tendo, assim, *um uso bastante específico, em casos bem determinados*. Já a forma *vós*, por não possuir restrições de uso, podia ser aplicada largamente, sendo assim menos marcada.

Em relação à forma *Vossa Mercê*, Santos Luz (1956, p. 307-308) dá a seguinte explicação: sempre dependentes da graça ou *mercê* do príncipe, os súditos apresentavam as suas queixas e requerimentos dando-lhe o habitual *vós*. Mas pediam, sabiamente, por *mercê* e colocavam com frequência no tratamento dado *vossa mercê* por *vós*. Com isso, estavam se referindo à graça e favor do soberano e não à pessoa dele. No entanto, segundo ela, por expansão de uso, no século XV a forma *Vossa Mercê* havia se vulgarizado: já não era só ao rei que se pedia por *mercê*, mas a qualquer superior em qualquer escala, a ponto de tal forma perder seu valor honorífico e passar a ser utilizada para todo mundo.

No entanto, a pesquisa de Menon (2006, p. 107) evidencia que Santos Luz “não distingue categoricamente as ocorrências de **Vossa Mercê**, já **pronome**, daquelas em que a locução ainda aparece com (ou sem) o artigo, marcando uma referência à mercê do rei, ainda”. Segundo os dados diacrônicos analisados por Menon, o tratamento dado ao rei nesse período era, portanto, *A Vossa Mercê* e não *Vossa Mercê*.

Cintra (1972, p. 21) acrescenta que o tratamento *Vossa Mercê* primeiramente aparece sendo usado para duques e infantes, depois para simples fidalgos e no início do século XVI, na época de Gil Vicente, para patrões e burgueses, a quem se dirigem os seus criados.

As formas de cortesia devem sua propagação e fixação à corte e à nobreza que sempre esteve ligada a ela. Em vista disso, essas formas se fixaram e expandiram em meados do século XV, época em que se evidencia uma sociedade marcadamente hierarquizada, ou seja, as formas de tratamento nominal não deixam de ser uma forma de denunciar a hierarquia social existente na época.

Portanto, é a partir da vulgarização do uso de *Vossa Mercê* que se multiplicam as formas de tratamento ao rei. Santos Luz afirma que a partir de 1455 *Vossa Mercê* deixa de ser tratamento exclusivo ao rei e acrescenta que nos textos das Cortes da segunda metade do século XV já é possível observar uma grande preferência por *Vossa Alteza* para o tratamento dado ao monarca. Isso fica evidenciado no quadro apresentado por ela em 1956:

Quadro 1 - Formas de tratamento para se dirigir ao monarca (reprodução do Quadro nº 1 de SANTOS LUZ, 1956, p. 112)⁵

	1455	1459	1468	1472 -73	1475	1477	1481 -82	1490
Vossa Mercê	19%	49%	32%	37%	37%	18%	7%	0%
Vossa Alteza	44%	31%	63%	50%	48%	54%	69%	99%
Vossa Senhoria	37%	20%	5%	13%	15%	28%	24%	1%

Veja-se que é relativamente rápida a evolução no uso ocorrida com as formas de tratamento registradas nos textos das Cortes. *Vossa Mercê* passa de um uso próprio para o rei, que começou nos fins do século XIV e por volta de 1459 passou a ser o tratamento mais usual para o monarca, deixa de ser empregado com esse fim em 1490. Ressalte-se, dos percentuais acima, o uso constante de *Vossa Mercê* no período de 1459 a 1475 e logo em seguida

⁵ Para que se pudesse melhor avaliar a contextualização dos dados, seria interessante analisar também o número de ocorrências. No entanto, essa informação não é fornecida pela autora citada.

verifica-se uma queda brusca nesse percentual (de 37% para 18%) até o desaparecimento por completo no final do século.

A fórmula *Vossa Alteza* começa a ser usada como tratamento preferido ao rei a partir de 1468 e nos fins do século XV havia se especializado nesse emprego. Note-se que, em todos os anos contidos no quadro, essa é a forma que apresenta os maiores percentuais de uso (de 31% a 99%) para tratamento ao rei. Percebe-se também uma “disputa” com os percentuais de uso de *Vossa Mercê*: de maneira geral quando aumenta o percentual de uso de *Vossa Alteza* diminui o uso de *Vossa Mercê* e vice-versa.

Já *Vossa Senhoria*, que apresenta um percentual de uso superior ao de *Vossa Mercê* em 1455 e a partir de 1477, a contar de 1490 passa de tratamento próprio para o rei para *tratamento adequado para fidalgos da mais alta nobreza e fixa-se num nível nitidamente superior ao de Vossa Mercê*. (CINTRA, 1972, p. 21).

Assim, por volta do final do século XV e começo do XVI as formas *Vossa Alteza* e *Vossa Majestade* passam a ser o tratamento dirigido ao rei. De acordo com Cintra (1972) em 1586, na Espanha, e em 1597, em Portugal, foram promulgadas as “leis das cortesias” que estabeleciam os limites do emprego de cada tratamento, bem como as penas decorrentes de uso indevido de tais formas. Tais leis passaram a estipular o tratamento de *Vossa Majestade* para se dirigir ao rei e à rainha e *Vossa Alteza* para o restante da família. As “leis das cortesias” surgiram como reação à crescente expansão de uso das formas nominais, especialmente fora da nobreza, sendo uma tentativa de proibir a igualdade, ou seja, de espelhar linguisticamente a organização hierárquica da sociedade da época.

Entretanto, Cintra (1972, p. 21) aponta que o rei não chega a legislar⁶ sobre o emprego de *Vossa Mercê* que, segundo ele, tinha um campo de utilização mais vasto, situado em todo o caso em um nível superior ao de *vós* – que ainda continuava a ser possível como tratamento cortês, muito diferente do *tu*, de extrema confiança ou usado de superior para inferior.

3 Análise dos Dados

Consideramos para a análise a variável dependente *você/cê*, e 11 variáveis independentes:

⁶ E provavelmente não o faz porque *Vossa Mercê* já era de uso comum.

1. Função sintática das formas (posição de sujeito; posição de complemento sem preposição; posição de complemento com preposição);
2. Ambiente fonológico que precede a forma pronominal (tendo em vista que o padrão silábico do português é CV – consoante/vogal – e que das variantes aqui analisadas duas iniciam com esse padrão (*você* e *cê*) e uma não (*ocê*), pode-se considerar que o ambiente fonológico constitui fator condicionador do uso de cada uma das variantes. Assim considerou-se os seguintes contextos: vogal; consoante; pausa);
3. Tipo de frase em que a forma ocorre (frase afirmativa; frase negativa; frase interrogativa);
4. Contiguidade das formas (contíguas ao verbo; não contíguas ao verbo);
5. Paralelismo pronominal (binário: *você/você*; *você/cê*; *cê/cê*; *cê/você*; ternário; eneário; *você* isolado; *cê* isolado);
6. Tipo de interlocução (Discurso para o entrevistador (*DE*): ocorrências em que o informante se dirige ao entrevistador, fazendo uso do *discurso direto* para questioná-lo, tirar uma dúvida a respeito de alguma pergunta feita, etc.; discurso para o interveniente (*DI*): o falante se dirige a uma pessoa que está presente durante a entrevista – geralmente um familiar – e, na maioria das vezes, é uma pessoa íntima do falante. Aqui novamente temos a presença de *discurso direto*; discurso genérico - o fator discurso genérico foi codificado como *não se aplica*⁷ (/), porque o controle de tal gênero discursivo foi feito na variável número 3 – *determinação do discurso*. Tal medida foi necessária para se evitar sobreposição de fatores no interior das variáveis analisadas; discurso relatado de terceira pessoa (*DR3*): esta variante diz respeito à situação em que o falante relata ao entrevistador a fala de outrem. Discurso relatado do próprio falante (*DRF*): situação em que o falante relata sua própria fala ao entrevistador;

⁷ Recurso utilizado pela versão de Pintzuk (1988) - do programa Varbrul - que permite especificar se os critérios definidores dos fatores de uma dada variável não são pertinentes para um determinado dado. Maiores informações podem ser obtidas em Scherre (1992; 1993 e 1996).

7. Determinação do discurso (determinado: contexto de interpretação definida; indeterminado: contexto de interpretação indefinida);
8. Gênero de discurso (segmentos predominantemente narrativos: situações em que o falante narra ao entrevistador alguma situação vivida por ele ou por outra pessoa; segmentos predominantemente argumentativos: ocorrências em que o falante expressa opinião, sua ou de outra pessoa, a respeito de algum assunto abordado durante a entrevista; explicações: ocorrências em que o falante explica algum ponto de sua fala ao entrevistador, fornece ou solicita a ele algum esclarecimento; receitas: em (quase) todas as entrevistas uma das perguntas efetuadas pelo entrevistador dizia respeito ao tipo de comida característico da região e/ou da família do entrevistado, bem como era feita a solicitação para que o informante relatasse o modo de preparo desses alimentos. Levando em consideração a especificidade desse gênero de discurso, que pode ser considerado como “pronto” ou “formulaico”, decidimos analisá-lo como uma variante à parte);
9. Faixa etária (14 a 24 anos; 25 a 49 anos; mais de 50 anos);
10. Grau de escolaridade (primário - até 5 anos de escolaridade; ginásio - até 8 anos de escolaridade; colegial - até 11 anos de escolaridade; universitário - mais de 11 anos de escolaridade);
11. Sexo (masculino; feminino).

Na rodada geral, o Goldvarb selecionou como estatisticamente relevantes seis variáveis (quatro linguísticas e duas sociais), nesta ordem: 1. Função sintática das formas (nocaute em 1 fator); 2. Gênero de discurso; 3. paralelismo pronominal (nocautes em 8 fatores); 4. Contiguidade das formas; 5. Sexo; 6. Escolaridade.

Os principais resultados podem ser conferidos a seguir.

Quadro 2 – Resultados da variável função sintática das formas – Curitiba (input .61; significance: .034. Log Likelihood: -1244.889)

Fatores	VOCE Apl./Total	%	P.R.	CÊ Apl./Total	%
Posição de sujeito	1403/2063	68	0,48	660/2063	32
Posição de complemento com preposição	94/101	93	0,86	7/101	7
Posição de complemento sem preposição	36/36	100	nocaute	0/36	0
Total	1533/2200	69		667/2200	31

Os resultados do Quadro 2 evidenciam que há um predomínio total de *você* na posição de complemento sem preposição (100%, nocaute, portanto), função que *cê* parece não exercer na língua.

Já na posição de complemento com preposição, temos alguns casos de *cê* combinados com a preposição “para”. Aqui aparecem exemplos como: “Eu falei *pcê*”; “Eu já disse *pcê*” . Ou seja, não há nenhuma ocorrência de “*cê*” exercendo a função de complemento com preposição, sendo também terreno exclusivo de *você*.

Na posição de sujeito aparecem tanto *você* como *cê*. *Você* ocorre em 68% dos casos (Peso Relativo [P.R.] de 0,48) contra 32% de *você*.

Assim, vimos acima que um de nossos objetivos visava descrever e analisar a alternância pronominal *você(s)/ocê(s)/cê(s)*, na posição de sujeito, e verificar se há restrições em outras funções sintáticas. Nossa hipótese era a seguinte: “a forma *cê(s)* apresenta um comportamento sintático peculiar, não podendo ocorrer nos mesmos contextos que *você(s)* e *ocê(s)* aparecem. Assim sendo, a posição de sujeito é a única que propicia o aparecimento das três formas”.

Vimos, portanto, que nossa hipótese foi parcialmente confirmada. Isto porque não encontramos três formas de realização de *você*, mas apenas duas. Também porque na posição de complemento com preposição encontramos o aparecimento das formas *você* e *pcê*. Na posição de sujeito aparecem *você* e *cê*.

Veremos a seguir os resultados da segunda variável linguística selecionada pelo Goldvarb como estatisticamente relevante, o gênero de discurso.

Quadro 3 – Resultados da variável gênero de discurso – Curitiba
(input .61; significance: .034. Log Likelihood: -1244.889)

Fatores	VOÇÊ Apl./Total	%	P.R.	CÊ Apl./Total	%
Segmentos predominantemente narrativos	1053/1572	67	0,47	519/1572	33
Segmentos predominantemente argumentativos	407/516	79	0,63	109/516	21
Explicações	70/105	67	0,39	35/105	33
Receitas	3/7	43	0,46	4/7	57
Total	1533/2200	70		667/2200	30

Vimos que os segmentos predominantemente argumentativos – que contempla ocorrências em que o falante expressa opinião, sua ou de outra pessoa, a respeito de algum assunto abordado durante a entrevista – foi o contexto que mais favoreceu a presença do pronome *você*, com peso relativo de 0,63.

Já as variantes “segmentos predominantemente narrativos” (P.R. 0,47) – que contempla as situações em que o falante narra ao entrevistador alguma situação vivida por ele ou por outra pessoa –, as “explicações” (P.R. 0,39) – ocorrências em que o falante explica algum ponto de sua fala ao entrevistador; fornece ou solicita a ele algum esclarecimento – e as “receitas” (P.R. 0,46) – relato do tipo de comida característico da região e/ou da família do entrevistado, bem como o relato do modo de preparo desses alimentos – aparecem com pesos relativos abaixo de 0,50, com “receitas” e “segmentos predominantemente narrativos” com pesos bem próximos entre si e “explicações” desfavorecendo de forma mais contundente o aparecimento de *você*.

Assim, constata-se que o contexto predominantemente argumentativo, em que o falante expressa opinião (sua ou de alguém) não é um contexto muito propício para que a variante *cê* apareça. Por outro lado, essa variante ocorre com maior frequência quando o falante fornece explicações, contexto, talvez, mais informal, bem como quando fornece uma receita (discurso formulaico e também mais informal) ou quando está narrando algum fato. Parece, então, que *mais argumentação* é igual a *mais VOCÊ*. Por outro lado: *mais explicações, mais receitas, mais narração* é igual a *mais CÊ* em Curitiba.

Para a variável paralelismo pronominal, terceira selecionada, foram levantadas 23 variantes para a análise e 8 delas apresentaram nocaute. Esses casos já eram esperados, em virtude de que ou estão em *uma série de você*, ou em *uma série de cê* comportando as ocorrências iguais; ou então aparecem como *caso isolado de você*; *caso isolado de cê*. É interessante salientar o número de dados desses casos citados, sendo praticamente o dobro de ocorrências dos contextos mistos: 1.426 contra 774 dos não nocautes e, portanto, de séries mistas.

Esses resultados demonstram que a tendência é a de os pronomes manterem o princípio geral do paralelismo de que: “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. As “marcas” aqui podem ser interpretadas como sendo a presença de pronomes iguais (você/você; cê/cê), por exemplo, ao passo que os “zeros” como os casos mistos (você/cê; cê/você). Ou seja, a tendência na língua é a de as formas iguais ocorrerem juntas: se o falante começa uma série com você, por exemplo, a tendência é que ele continue usando esse pronome. O mesmo ocorre com a forma cê.

No quadro 4, a seguir, aparecem os resultados da última variável linguística selecionada como estatisticamente relevante pelo Goldvarb para Curitiba, contiguidade das formas.

Quadro 4 – Resultados da variável⁸ Contiguidade das formas – Curitiba
(input .61; significance: .034. Log Likelihood: -1244.889)

Fatores	VOÇÊ Apl./Total	%	P.R.	CÊ Apl./Total	%
Contíguo ao verbo	1109/1671	66	0,48	562/1671	34
Não contíguo ao verbo	296/389	76	0,58	93/389	24
Total	1405/2060	68		655/2060	32

A variável contiguidade das formas foi levantada com a finalidade de verificar o comportamento das formas em posição de sujeito, com o intuito de verificar se nossos dados apresentam comportamento similar aos de Ramos (1997), cujos dados dessa autora evidenciam que a forma *cê* é favorecida quando a forma se encontra contígua ao verbo e é desfavorecida quando não está contígua a ele, corroborando assim a hipótese de cliticização da forma *cê*.

Como podemos constatar, a não contiguidade ocorre em maior número com o pronome *você*, com peso relativo de 0,58. No entanto, a forma *cê* também ocorre nesse contexto, com um percentual geral de 32%.

Não é objetivo deste estudo testar a hipótese de cliticização da forma *cê*, mas os dados de nosso *corpus* confirmam que, embora as intercalações mais longas se deem preferencialmente com a forma *você*, não é impossível que *cê* também possa ser usado nesses casos. Assim, os dados de nosso estudo, com respeito à contiguidade das formas em relação ao verbo, aparentemente apresentam um problema para essa hipótese.

Apresentadas as variáveis linguísticas, veremos a seguir os resultados obtidos para as variáveis sociais. Iniciamos com a variável *sexo*, a quinta e penúltima selecionada como estatisticamente relevante.

⁸ Nesta variável o número de dados é menor, pois somente foram consideradas as formas que apareciam em posição de sujeito. Para as demais foi usado o recurso “não se aplica”, já comentado na nota 7.

Quadro 5 – Resultados da variável Sexo - Curitiba
(input .61; significance: .034 Log Likelihood: -1244.889)

Fatores	VOÇÊ Apl./Total	%	P.R.	CÊ Apl./Total	%
Masculino	886/1244	71	0,53	358/1244	29
Feminino	647/956	68	0,47	309/956	32
Total	1533/2200	70		667/2200	30

Diversos estudos têm demonstrado que mulheres e homens não falam da mesma maneira. Labov (1991), por exemplo, ressalta que, em situação de variação estável, as mulheres têm demonstrado preferência no uso das formas de prestígio. O autor também ressalta que em casos de mudança linguística, as mulheres seriam inovadoras e responsáveis pela propagação da variante não padrão. Ainda de acordo com ele, o comportamento linguístico de homens e mulheres varia nas diversas segmentações da sociedade, advindo daí a importância de se relacionar a variável *sexo* aos demais fatores sociais.

Assim sendo, constata-se dos resultados obtidos que os homens de nossa amostra usam mais o pronome *voçê* que as mulheres. Os pesos relativos foram de 0,53 e 0,47, respectivamente, o que demonstra que não há grande diferença (apenas 6 pontos) entre o comportamento dos homens e o das mulheres.

Todavia, são as mulheres que fazem uso maior da forma *cê*, o que demonstra que essa forma não é estigmatizada socialmente, isto é, a comunidade não a avalia como negativa.

Na sequência, apresentamos a última variável selecionada como estatisticamente significativa pelo Goldvarb, trata-se de mais uma variável social, a escolaridade.

Quadro 6 – Resultados da variável Escolaridade - Curitiba
(input .61; significance: .034 Log Likelihood: -1244.889)

Fatores	VOCÊ Apl./Total	%	P.R.	CÊ Apl./Total	%
Primário	491/720	68	0,49	229/720	32
Ginásio	457/651	70	0,52	194/651	30
Segundo grau	355/530	67	0,46	175/530	33
Universitário	230/299	77	0,58	69/299	23
Total	1533/2200	70		667/2200	30

Contrariamente ao que defende Gonçalves (2008, p. 179), *você* não é uma forma considerada padrão. O mesmo pode-se dizer da forma *cê*. Assim sendo, o esperado aqui, se a escola de fato tivesse uma atuação efetiva sobre os falantes, seria que os informantes utilizassem como pronome de segunda pessoa apenas o pronome *tu*, pois é esta forma que é ainda disseminada pela escola – e pelas gramáticas normativas e grande maioria dos livros didáticos.

No entanto, os estudos de Loregian (1996) e de Loregian-Penkall (2004) já demonstraram que no Paraná, muito provavelmente devido ao tipo de ocupação do território, o pronome de segunda pessoa mais utilizado pelos falantes é o *você*, e que o pronome *tu* praticamente não ocorre na fala de informantes paranaenses.

No tocante aos resultados, vemos que os falantes do ginásio e os universitários fazem uso maior do pronome *você* que os demais, com pesos relativos de 0,52 e 0,58, respectivamente. Já os informantes do primário (0,49) e os do segundo grau (0,46) apresentam leve desfavorecimento do uso de *você* em favor a *cê*. Temos aqui, portanto, resultados bastante equilibrados e que não permitem grandes conclusões, por ora.

Todavia, fica evidente que os ensinamentos escolares não são cumpridos à risca. Senão: cadê o pronome *tu* no Paraná? Essa realidade de uso do pronome *você* e de *cê* evidencia ainda que outros fatores podem estar influenciando no uso maciço destas formas, e o tipo de colonização é, possivelmente, o maior deles.

À Guisa de Conclusão

Vimos, ao longo do artigo sobre a alternância *você/cê* em Curitiba, que tivemos alguns achados ao longo do caminho. Entre eles, é possível destacar:

a) Não houve ocorrências de *ocê(s)* nos dados do Varsul analisados da cidade de Curitiba, nem na amostra de controle, constatação esta que explica a interrogação posta no título deste texto.

b) A forma *você(s)* é a mais recorrente nos dados analisados. Obtivemos um total de 1.533 ocorrências de *você* e 667 de *cê* em Curitiba (dados coletados no início da década de 1990). Todavia, a amostra de controle já demonstra que em 2011/2012 a forma *cê* está sendo utilizada de forma bastante expressiva na cidade analisada. Assim sendo, *cê(s)* está em franca expansão em todas as faixas etárias analisadas, mas especialmente na fala dos jovens, fato que pode vir a evidenciar uma mudança em progresso.

c) Há ocorrências de *ocê* e *ocê* em Curitiba. Tais produções foram testadas no Programa PRAAT e constatou-se que há ocorrências em que não se constata a presença de vogal intermediária entre os sons [ps] e [vs]. Este refinamento dos dados ainda está em fase de análise.

Quanto aos objetivos levantados, vimos que (i) *você(s)* e *cê(s)* aparecem na posição de sujeito, e que há restrições em outras funções sintáticas: na posição de complemento sem preposição só ocorre o pronome *você* e na de complemento com preposição aparecem as formas *você* e *ocê*; (ii) os fatores linguísticos (função sintática das formas; gênero de discurso; paralelismo pronominal e contiguidade das formas) e os extralinguísticos (sexo e escolaridade) se mostraram fatores condicionantes do uso das duas formas em análise; (iii) os dados não permitem afirmar que esteja se dando mudança em curso no uso de *você/cê* para a expressão da referência à segunda pessoa; (iv) a forma *cê* já está implementada na língua dessa região e a forma *ocê(s)* não é recorrente nos dados; e (v) a afirmação de que estaria havendo no PB uma especialização de formas não foi confirmada nos dados da região Sul pesquisada, visto que a variável determinação do discurso foi eliminada como estatisticamente não relevante pelo programa Goldvarb em todas as rodadas que efetuamos.

Assim sendo, nos dados analisados até então, a afirmação de “especialização de formas” não se confirma. Isto talvez seja um indício de que afirmações como a de que: “*está ocorrendo no PB um processo de especialização em relação ao par você e cê, com a preferência de cê com referência*

indefinida e a forma *você* com referência definida”, sejam muito genéricas e por isso mesmo não denotem a realidade linguística nacional. É preciso se tomar cuidado quando se envolve o PB nas afirmações porque isto implica nos usos linguísticos de todo o país. Ademais, trabalhos como o desenvolvido aqui servem também para demonstrar que o PB é constituído por muitas nuances e que, parafraçando Napolitano (2005), talvez o grande mosaico linguístico nacional seja ainda mais complexo do que parece.

Referências

CINTRA, L. F. L. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1972.

FARACO, C. A. *The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion*. 1982. Ph.D. Thesis (Modern Languages) – University of Salford, Salford, UK. 1982.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumento de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *The logic of nonstandard English*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1969.

LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. The three dialects of English. In: ECKERT, P. (Ed.). *New ways of analyzing sound change*. New York: Academic Press. 1991. p. 1-44.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2004.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

MENON, O. P. S. A história de você. In: GUEDES, M.; BERLINCK, R.; MURAKAWA, C. (Orgs.). *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 99-160.

MENON, O. P. S.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: *tu/você* no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-192.

NAPOLITANO, M. *Historia & Música: história cultural da música popular*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NASCENTES, A. O tratamento de “você” no Brasil. *Revista Letras*, Curitiba, n. 5, p. 114-122, 1956.

PERES, E. P. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006.

PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. University of Michigan. 57 fl. 1988. (mimeo).

RAMOS, J. O uso das formas *você, ocê e cê* no dialeto mineiro. In: HORA, D. (Org.). *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 43-60.

RAMOS, J. História social do português brasileiro: perspectivas. In: CASTILHO, A. *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 159-178.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *Goldvarb 2001*. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

SANTOS LUZ, M. Formas de tratamento. *Revista Portuguesa de Filologia*. Lisboa, v. 7, t. I e II, p. 251-363, 1956.

SCHERRE, M. M. P. Levantamento, codificação, digitação e quantificação de dados. In: MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 1992.

SCHERRE, M. M. P. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Brasília, 1993. (mimeo).

SCHERRE, M. M. P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M.P. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

WEINREICH, U. *Research problems in bilingualism with special reference to Switzerland*. 1951. Ph.D. Dissertation (Philosophy) – Columbia University, New York. 1951.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for a Theory Language Change*. Directions for a Historical Linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968.